

# PARCERIA SAÚDE-EDUCAÇÃO NA UFRJ: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS

Renata Mousinho; Claudia Tavares Ribeiro; Gláucia M. M. Martins

**RESUMO – Objetivo:** Verificar os ganhos da parceria educação-saúde na experiência da fonoaudiologia da UFRJ com o CAPUFRJ. **Método:** Análise quantitativa - participaram da pesquisa crianças que cursaram o 1º ano em 2007, com idade média de 6,4 anos, em três momentos distintos: no início do primeiro ano e no início e no fim do segundo ano letivo. A primeira avaliação serviu para determinar os grupos de alfabetizados e não alfabetizados na entrada da escola. Nas duas avaliações subsequentes, foram investigadas a velocidade, a compreensão, a fluência e a precisão de leitura. Análise qualitativa – impressões sobre o impacto nos alunos, na família e na equipe profissional da escola. **Resultados:** No início do ano letivo, a discrepância entre os grupos mostrou-se bastante importante em todos os parâmetros avaliados, no fim do segundo ano, essa diferença foi bastante minimizada, tendo mesmo desaparecido em parte das habilidades investigadas; o impacto nas diversas categorias da comunidade escolar foi positivo. **Considerações finais:** Em curto prazo de tempo, foi possível minimizar diferenças individuais que se impunham de forma gritante no momento do ingresso à instituição. Considerando a multifatorialidade das questões envolvidas no processo ensino-aprendizagem e os desafios postos à educação na atualidade, a parceria educação-saúde que vai sendo construída do CAP com o Setor de Fonoaudiologia da UFRJ é uma importante via de enfrentamento das dificuldades presentes e de produção de conhecimento na área.

**UNITERMOS:** Educação. Saúde. Aprendizagem. Fonoaudiologia.

---

*Renata Mousinho – Fonoaudióloga. Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora da Graduação em Fonoaudiologia da UFRJ.*

*Claudia Ribeiro – Pedagoga. Especialista em Sexologia Humana. Orientadora Educacional do Colégio de Aplicação da UFRJ.*

*Gláucia M. M. Martins – Psicopedagoga. Mestre em Tecnologias Educacionais nas Ciências da Saúde pela UFRJ. Doutoranda em Educação pela UNICAMP. Orientadora Educacional do Colégio de Aplicação da UFRJ.*

---

*Correspondência*

*Renata Mousinho*

*Av. das Américas 2678, casa 11 – Barra da Tijuca – Rio de Janeiro, RJ – CEP 22640-102*

*E-mail: renatamousinho@ufrj.br*

## INTRODUÇÃO

Problemas de leitura causam impacto em toda a escolaridade, trazendo repercussões afetivas e sociais. Diversos estudos mostram a importância da prevenção e identificação das crianças em risco de problemas de leitura, para possibilitar a intervenção precoce e minimizar futuros prejuízos. Identificar esses problemas de leitura precocemente torna-se emergente diante da possibilidade de poder eliminá-los ou minimizá-los por meio de estimulação precoce.

Autores chamam a atenção para o fato de que pesquisadores, educadores e políticos vêm dando mais atenção a estas questões, demonstrando o impacto positivo de programas de intervenção precoce sobre possíveis problemas de leitura<sup>1,2</sup>. É justamente a convicção de que é importante trabalhar conjuntamente, visando ao desenvolvimento pleno das crianças, que é a alma desta parceria entre a equipe da fonoaudiologia da UFRJ, especializada em leitura e escrita, de um lado, e a equipe do Colégio de Aplicação da UFRJ, encabeçada pelo Serviço de Orientação Educacional, de outro.

Esta experiência diz respeito a uma proposta longitudinal, que vem acompanhando o desenvolvimento linguístico das crianças que cursaram o 1º ano do ensino fundamental em 2007 e se estenderá durante todo processo de escolarização formal, ou seja, até o 3º ano do ensino médio. Dela fazem parte:

- uma avaliação individual anual das crianças;
- orientações aos pais (anuais para todos, mensais para crianças com dificuldades ou sob demanda);
- orientações e trocas com professores (para toda a escola, anuais; para os professores que estiverem atuando direto com este grupo, trimestrais ou sob demanda);
- discussões com a equipe de orientação educacional (trimestrais ou sob demanda);
- oficinas de linguagem para as crianças em risco de Dislexia ou Distúrbio de Aprendizagem;
- atendimento individual para aqueles com diagnóstico estabelecido.

Nessa perspectiva, a parceria educação-saúde tem um papel social primordial: diminuir diferenças que, a princípio, podem parecer entraves ao desenvolvimento. Considerando a leitura com compreensão uma das habilidades básicas para novos aprendizados, julgou-se importante utilizar este parâmetro nesta pesquisa que pretende ilustrar o sucesso da experiência nos primeiros quatro anos dessa parceria.

São muitos os aspectos necessários à compreensão da leitura, dentre eles a fluência, a velocidade, a precisão, assim como com as habilidades metalinguísticas e cognitivas<sup>3,4</sup>.

Neste contexto, os principais objetivos deste artigo são:

- apresentar por meio de parâmetros qualitativos e quantitativos os ganhos da parceria educação-saúde para a comunidade escolar;
- acompanhar a evolução das habilidades de leitura nos primeiros anos do ensino fundamental, comparando o grupo que já entrou alfabetizado na escola, com aquele não alfabetizado;
- investigar o quanto a parceria educação-saúde pode interferir na evolução das tarefas de leitura nas primeiras séries do ensino fundamental em grupos com experiência de leitura totalmente diversificadas.

## MÉTODO

### **Análise quantitativa: a análise de dados**

Inicialmente, participaram da investigação 50 crianças ingressantes em uma escola de referência em educação pública no Rio de Janeiro. Há uma grande procura pelas vagas nesta instituição e a atual forma de ingresso no 1º ano do ensino fundamental é realizada por meio de sorteio entre os candidatos inscritos. Como consequência, embora todas as crianças tivessem média de 6 anos, apresentavam diferenças em sua experiência com a leitura e a escrita, que variava entre o desconhecimento completo do sistema de escrita do português e o domínio de leitura com razoável fluência.

Os procedimentos aconteceram em três etapas, a saber:

1. Etapa 1: realizada em maio do 1º ano do ensino fundamental, quando as crianças tinham idade média de 6,4 anos. Os grupos de leitores e não-leitores foram constituídos a partir do desempenho das crianças na leitura de uma lista de 24 palavras adaptada para classe de alfabetização<sup>5</sup>. O grupo de não-leitores (G1) foi formado com as crianças que não leram quaisquer das palavras da lista, enquanto o grupo de leitores (G2) foi constituído por aqueles que obtiveram os 25% escores mais altos na tarefa de leitura, o que correspondeu à leitura fluente de no mínimo 23 palavras. Desta forma, foram 20 crianças incluídas no grupo de não-leitores (Idade média = 6,7; DP=2,87) e 13 crianças no grupo de leitores (Idade média=6,8; DP=3,95; Mdn= 24 palavras).

2. Etapa 2: realizada no 2º ano do ensino fundamental - início do ano letivo. Para verificar a velocidade, foi cronometrada a leitura do texto narrativo "O Acidente"<sup>6</sup>, composto por 196 palavras e 939 caracteres. Com vistas a verificar a compreensão, foram realizadas quatro perguntas eliciadoras, abrangendo o conteúdo do texto. O padrão de leitura poderia ser identificado como silabado (Ex: O me-ni-no sa-iu de

ca-sa), pausado (com prolongamentos entre as palavras) ou fluente (sem pausas grandes, com contorno prosódico). A fim de investigar a precisão da leitura, foi utilizada uma lista de palavras isoladas reais, utilizando como variáveis o tipo de palavra (regulares, irregulares ou regras), a frequência (alta ou baixa), e o comprimento das palavras (dissílabas ou trissílabas)<sup>7</sup>, adaptada<sup>8</sup>.

3. Etapa 3: realizada no 2º ano do ensino fundamental - fim do ano letivo. A etapa 2 foi repetida.

Cabe ressaltar que as crianças do grupo de não-leitores foram convidadas a participar de oficinas de linguagem oral e escrita que ocorreram semanalmente no serviço de fonoaudiologia da UFRJ entre a primeira e a terceira coletas. Todos os responsáveis pelos alunos avaliados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido da pesquisa aprovada sob o número 003/07 do Comitê de Ética e Pesquisa do Instituto de Neurologia Deolindo Couto – RJ/ UFRJ.

O desempenho de G1 e G2 nas tarefas de leitura foi comparado usando o teste *t* de *Student* para amostras independentes.

## RESULTADOS

A Tabela 1 revela os resultados do grupo que

**Tabela 1 – Tarefas de leitura em G1 e G2, nos 2 momentos avaliados.**

	G1 (n = 20)		G2 (n = 13)		df	t	p
	M	DP	M	DP			
Velocidade 1	438,67	290,142	175,50	700,176	31	3,730	0.001**
Padrão 1	1,60	0,737	2,56	0,705	31	-3.783	0.001**
Precisão 1	40,40	12,540	46,56	1,247	24.409	-2.077	0.046*
Compreensão 1	2,47	1,302	3,72	0,461	31	-3.824	0.002**
Velocidade 2	199,40	92,230	135,67	45,075	19.492	2.444	0.024*
Padrão 2	2,40	0,507	2,44	0,705	30.425	-210	0.840
Precisão 2	46,67	1,047	46,94	1,259	31.000	-692	0.494
Compreensão 2	3,47	0,915	3,78	0,428	31	-1.211	0.208

Nota \*p ≤ 0,05; \*\*p ≤ 0,01

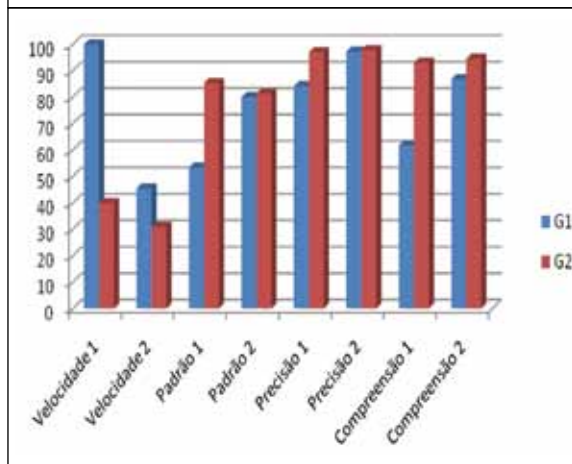
entrou na escola sem conhecimento do sistema de escrita (G1), seguido dos resultados do grupo que iniciou no CAP-UFRJ já alfabetizado (G2). Os valores das colunas subseqüentes referem-se à comparação entre ambos os grupos. As linhas de velocidade, padrão, compreensão e precisão seguidos do algarismo 1 referem-se à análise realizada no início do 2º ano. Aquelas seguidas pelo algarismo 2 dizem respeito aos valores obtidos quando as crianças estavam no fim do 2º ano.

A diferença entre G1 e G2 foi altamente significativa na primeira avaliação, sobretudo na velocidade, padrão e compreensão de textos. A média da velocidade de leitura do G1 foi de 438,6 segundos (2 minutos e 92 segundos) em contraste com a do G2, que leu todo o texto em 175,5 segundos (7 minutos e 31 segundos). Enquanto o G1 apresentou um padrão silabado/pausado, o G2 apresentou um padrão pausado/flúente. As respostas às perguntas que visavam observar a compreensão, um total de 4, apresentaram 2,47 de média em G1, contrastando com 3,72 em G2. Significativo, mas numa escala menor, foi o número de palavras lidas corretamente (precisão), que foi de 40,4 e 46,5, respectivamente, para G1 e G2.

Na segunda avaliação, no fim do ano letivo, somente a velocidade de leitura foi discretamente significativa, considerando-se testes estatísticos. Os alunos do G1 puderam ler o texto todo em 199,5 segundos (3 minutos e 33 segundos), enquanto o G2 fez o mesmo em 135,6 segundos (2 minutos e 26 segundos). O padrão de leitura apresentou-se de pausado a flúente em ambos os grupos. A precisão de leitura foi praticamente idêntica, de um total de 48 palavras, alunos do G1 acertaram 46,67, enquanto os do G2 leram corretamente 46,94. Assim como as demais habilidades, a compreensão apresentou-se bastante similar nos dois grupos (3,47 e 3,78, respectivamente), como pode ser observado na Figura 1.

A fim de analisar melhor tais ganhos, os valores foram colocados em proporção. Na Figura 1, o G1, formado pelas crianças que não sabiam

**Figura 1** - Evolução da velocidade, padrão, precisão e compreensão de leitura em G1 e G2.



ler no início do 1º ano, está representado pela cor azul. O G2, grupo formado por crianças que, na mesma época, já conseguiram ler 23 das 24 palavras de uma lista, está representado pela cor vermelha. Cada uma das habilidades aparece com indicação de 1, quando realizada no início do 2º ano, e com 2, quando realizada no fim deste ano letivo.

Como se pode observar na Figura 1, a evolução foi grande em ambos os grupos, mas o crescimento do G1 foi proporcionalmente muito superior. No que diz respeito à velocidade de leitura, a enorme discrepância observada no início do 2º ano foi minimizada na segunda avaliação. Neste caso, quanto menor o valor, melhor, já que o que se deseja é uma leitura mais veloz, portanto, realizada em menor tempo. Este resultado, associado ao padrão, desta vez igualado entre os grupos em pausado-flúente, e à precisão, em que ambos os grupos acertaram quase que integralmente a lista de palavras propostas, possibilitam uma compreensão adequada.

Considerando-se que a compreensão é o objetivo final da leitura e que os atuais moldes educacionais valorizam a compreensão não só na disciplina específica, mas em todas as demais, pode-se pensar que a pouca solidez nesta

área poderia prejudicar o início da escolarização formal, trazendo reflexos ao longo dos anos. Portanto, a possibilidade de reverter precocemente o cenário inicial, altamente diversificado também no que diz respeito ao domínio sobre a leitura, mostrou que a instituição em questão cumpriu um dos papéis cruciais da educação: permitir oportunidades iguais a despeito das possibilidades iniciais de cada um.

É importante lembrar que há crianças que ainda se mantêm defasadas em relação ao grupo e que, portanto, precisarão de mais tempo para que tais habilidades se desenvolvam. Neste contexto, a parceria com o serviço de fonoaudiologia, que já existia com o oferecimento de oficinas de linguagem ao grupo de crianças menos hábil no aprendizado da leitura, torna-se mais relevante.

## DISCUSSÃO

### **Análise quantitativa: o ponto de vista da escola**

Inicialmente, a possibilidade da parceria com a Fonoaudiologia da UFRJ, por meio do projeto se configurou, primordialmente, como uma ótima oportunidade de avaliação e atendimento aos alunos que apresentam dificuldades no percurso de sua escolarização inicial. Contudo, esta parceria vem ampliando resultados que se explicitam de formas específicas, nos três principais segmentos envolvidos na parceria: alunos, famílias e corpo docente.

Em relação às crianças, poderíamos pontuar alguns aspectos importantes relacionados ao percurso do grupo em estudo, no tocante ao desenvolvimento socioafetivo e cognitivo. Já na primeira fase, quando da primeira avaliação, pudemos perceber que através da forma cuidadosa com que as atividades de avaliação foram planejadas e realizadas com as crianças, as mesmas se mostraram à vontade, sem constrangimentos e até muito satisfeitas por participar!

A mobilização na escola para a realização das avaliações e na família, que teve que criar

condições de levar e trazê-los, seja para as oficinas coletivas ou para os atendimentos individualizados nas dependências da Universidade, significou receber uma atenção especial em suas necessidades, gerando estímulo e autoconfiança para o enfrentamento das dificuldades, fossem elas de velocidade, precisão ou compreensão na leitura.

Mesmo para crianças que apresentam comprometimento em outras áreas de seu desenvolvimento, além do linguístico, participar dos atendimentos e oficinas de linguagem oferecidos pelo Setor de Fonoaudiologia fez diferença. Alunos com alguma dificuldade em seu processo de escolarização costumam se retrair diante das experiências escolares, e se colocam à margem do processo do grupo em que estão inseridos. Observamos nos alunos que continuaram participando do trabalho com a equipe de Fonoaudiologia que eles se fortaleceram e puderam viver sua escolaridade de forma mais confiante e positiva.

No tocante ao desenvolvimento cognitivo, observamos que o trabalho de estímulo e intervenção, nas habilidades cognitivas relacionadas à aquisição da leitura e da escrita, desenvolvido com as crianças atendidas pelo Projeto tem apresentado resultados importantes na interpretação, compreensão, realização de inferências e estabelecimento de relações, em diferentes áreas do conhecimento, por parte destas crianças. Embora ainda não tenhamos criado nenhum instrumento para aferição objetiva destas habilidades, são observações também atestadas pelas avaliações formais da escola.

Em relação às famílias, ressaltamos nos atendimentos aos responsáveis que a maioria deles compareceu às entrevistas agendadas pelo Setor de Orientação Educacional na escola, e levou as crianças às atividades indicadas, demonstrando enorme interesse pelo processo. Mesmo as famílias que têm condições econômicas de arcar com um tratamento fonoaudiológico para seus filhos, mantiveram a frequência nas atividades oferecidas pelo Projeto por valorizarem a articulação dos profissionais da Fonoaudiologia com

a escola, pois a parceria propiciou a oportunidade das famílias terem acesso a informações quanto ao desenvolvimento de seus filhos, e dificuldades pontuais apresentadas de forma integrada com o processo ensino-aprendizagem desenvolvido pela escola.

A realização de reuniões gerais, voltadas para aspectos do desenvolvimento linguístico em suas diferentes etapas, assim como, as entrevistas individuais voltadas para orientações relativas às dificuldades específicas de cada criança, ajudaram os responsáveis a compreender e mudar de postura frente às dificuldades das crianças. Muitas vezes, ao longo destas entrevistas, os responsáveis se reportavam a questões do desenvolvimento das crianças em fases anteriores, estabelecendo relações e expressando melhor compreensão da situação de seus filhos. Podemos citar mais de um caso em que a família, que a princípio responsabilizava a criança por suas dificuldades, pode perceber, a partir das orientações dadas pela equipe da Fonoaudiologia, se tratar de um momento de desenvolvimento, entendendo-o não como uma impossibilidade, mas como uma etapa possível de ser trabalhada, e quanto às dificuldades, possíveis de serem superadas.

A parceria entre o Setor de Fonoaudiologia e o CAp possibilitou aos docentes o acesso a informações fundamentais para a sua atuação. A avaliação e o diagnóstico das dificuldades apresentadas pelas crianças, acompanhados de uma interlocução entre os dois principais agentes que atuam na questão - professores e fonoaudiólogos - representam uma forma de melhor conhecer essas dificuldades em sua etiologia, por um lado, e em suas manifestações, por outro. Desta forma, são ampliadas formas de oferecer, também por meio da família e do trabalho pedagógico da escola, aquilo que a criança precisa para a superação de suas dificuldades e pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou investigar a evolução habilidades de leitura nos primeiros anos do ensino fundamental, comparando grupo que já entrou alfabetizado na escola, com aquele não alfabetizado, destacando o papel da escola na evolução das tarefas de leitura nas primeiras séries do ensino fundamental em grupo com experiência diversificada.

Enquanto no início do ano letivo a discrepância entre os grupos mostrou-se bastante importante em todos os parâmetros avaliados, no fim do segundo ano essa diferença foi bastante minimizada, tendo mesmo desaparecido em parte das habilidades investigadas. Tais dados confirmam evidências encontradas na literatura que apontam a relevância da intervenção precoce nas dificuldades de leitura<sup>9-12</sup>.

Observou-se que a união de esforços saúde-educação conseguiu, num curto prazo de tempo, minimizar diferenças individuais que se impunham de forma gritante no momento do ingresso à instituição. Parcerias entre serviços podem se mostrar relevantes no desafio de educar na diversidade.

A multifatorialidade das questões envolvidas no processo ensino-aprendizagem tem indicado a necessidade da articulação entre equipes multidisciplinares para o enfrentamento dos desafios postos à educação na atualidade. Dentre estes desafios, ressaltamos a conquista do atendimento às diferentes modalidades de aprendizagem presentes na escola. Neste sentido, entendemos que a parceria educação-saúde que vem sendo construída entre o CAp e o Setor de Fonoaudiologia da UFRJ é uma importante via de enfrentamento das dificuldades presentes no processo de ensino-aprendizagem e também, de produção de conhecimento na área.



## SUMMARY

Health-education partnership at UFRJ: sharing experiences

**Objective:** This paper aims at presenting the gains of the health-education partnership for the school community. **Methods:** Quantitative analysis - participants were fifty 6.4 years old children in the 1st grade in 2007, and the same group at the beginning and end of the 2nd grade in 2008. The first evaluation determined the groups of literate and illiterate at school entry. Were investigated in two subsequent speed, comprehension, fluency and reading accuracy. Qualitative analysis: what the impact on students, family and professional staff of the school. **Results:** While the beginning of the school year the discrepancy between the groups proved to be quite important in all parameters evaluated later in the second year this difference was much minimized, and has even disappeared in some of the skills investigated; the impact in the various categories of the school community was positive. **Conclusion:** In a short period of time, differences between children at the time of admission to the institution were minimized. Considering the multifactorial nature of the issues involved in the teaching-learning process and the challenges posed to education today, the health-education partnership, CAp and UFRJ's graduation in Speech Therapy, is an important issue for learning development and for the production knowledge in the area.

**KEY WORDS:** Education. Health. Learning. Speech, Language and Hearing Sciences.

## REFERÊNCIAS

1. Vloedgraven JMT, Verhoeven L. Screening of phonological awareness in the early elementary grades: an IRT approach. *Dyslexia*. 2007;57:33-50.
2. Speece D, Ritchey K. A longitudinal study of the development of oral reading fluency in young children at risk for reading failure. *J Learn Disabil*. 2005;38(5):387-99.
3. Katzir T, Kim Y, Wolf M, Kennedy B, Lovett M, Morris R. The relationship of spelling recognition, RAN, and phonological awareness to reading skills in older poor readers and younger reading-matched controls. *Read Writ*. 2006;19:845-72.
4. Goff D, Pratt C, Ong B. The relations between children's reading comprehension, working memory, language skills and components of reading decoding in a normal sample. *Read Writ*. 2005;18:583-616.
5. Capovilla AGS, Capovilla FC. Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica. 5ª ed. São Paulo: Memnon/Fapesp;2007.
6. Cocco MF, Hailer MA. ALP 1: análise, linguagem e pensamento: um trabalho de linguagem numa proposta socioconstrutivista. São Paulo: FTD;1995. p.25-6.
7. Pinheiro A. Leitura e escrita: uma abordagem cognitiva. Campinas: Psy II;1994.
8. Capovilla AGS, Capovilla FC. Uma perspectiva geral sobre leitura, escrita e suas relações com consciência fonológica. In: Capovilla AGS, Capovilla FC, eds. Problemas de leitura e escrita. São Paulo:Memnon;2000. p.3-37.
9. Capellini SA, Sampaio MN, Kawata KHS, Padula NAMR, Santos LCA, Lorencetti MD, et al. Eficácia terapêutica do programa de remediação fonológica em escolares com

- dislexia do desenvolvimento. Rev CEFAC. 2010;12(1):27-39.
10. Deuschle V, Cechella C. O déficit em consciência fonológica e sua relação com a dislexia: diagnóstico e intervenção. Rev CEFAC. 2009;11(Supl. 2):194-200.
  11. Dambrowski AB, Martins CL, Theodoro JL, Gomes E. Influência da consciência fonológica na escrita de pré-escolares. Rev CEFAC. 2008;10(2):175-81.
  12. Zuanetti PA, Schneck APC, Manfredi AKS. Consciência fonológica e desempenho escolar. Rev CEFAC. 2008;10(2):168-74.